

O PROBLEMA DA IDENTIDADE NO CRISTIANISMO PRIMITIVO INTERAÇÃO, CONFLITOS E DESAFIOS

José Luiz Izidoro*

Resumo

A construção das identidades dos povos oriundos de diversas nações e geografias apresentará uma constituição flexível e de tensão no seu processo de interação com outros povos e culturas. Procedente do judaísmo, o cristianismo surgiu e se desenvolveu em ambientes greco-romanos, assimilando, integrando e reinterpretando muitos elementos socioculturais e categorias de pensamentos ali encontrados, interagindo com os mesmos e, assim, abrindo-se às diversidades e às múltiplas experiências na construção de sua identidade, não obstante os conflitos e tensões inerentes ao processo.

Palavras-chave: Cristianismo; identidade; grupos étnicos; fronteiras étnicas; interação; gentios; judeus; cristãos.

Abstract

The construction of the identities of the people originating from of several nations and geographies will present a flexible constitution and of tension in its interaction process with other people and cultures. Coming from Judaism, the Christianity appeared and grew in

*Doutorando em Ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Integrante do Grupo Oracula de Pesquisa. Endereço eletrônico: jeso_nuap@hotmail.com.

Greco-Roman atmospheres assimilating, integrating and reinterpreting many socio-cultural elements and categories of thoughts there found, interacting with the same ones and then opening up to the diversities and the multiple experiences in the construction of its identity, in spite of the conflicts and inherent tensions to the process.

Keywords: Christianity; identity; ethnic group; ethnic boundary; interaction; Gentiles; Jews; Christians.

Introdução

A expansão do cristianismo nascente se insere no contexto sociocultural greco-romano, interagindo com todas as expressões e formas de pensamento e linguagem das sociedades. No âmbito da construção da identidade do cristianismo primitivo, torna-se necessário e pertinente apresentar ou salientar algumas categorias que consideramos de suma importância para a sua compreensão. Tratam-se das categorias “judaísmo”, “helenismo” e “cristianismo”.

Em primeiro lugar, segundo André Chevitarese e Gabriele Cornelli, deveremos considerar as categorias “cristianismo”, “judaísmo” e “helenismo” não como blocos monolíticos e absolutamente imutáveis, uma vez que o seu desenvolvimento e dinâmica situam-se no dinamismo e na dialética da história. Considerando que “o judaísmo, o cristianismo e o politeísmo grego nunca existiram enquanto formas culturais autônomas e independentes, fora das simplificações manualísticas ou das identificações ideológicas posteriores”.¹

Para Chevitarese e Cornelli, “ao nos referirmos às culturas judaicas, cristãs e politeístas, estamos admitindo o uso de um conceito que estabelece a todo o momento, em termos individuais ou coletivos, um diálogo constante entre o presente e o passado...”²

As múltiplas obras literárias presentes no contexto do cristianismo primitivo evocam, de certo modo, uma realidade consideravelmente plural e diversificada no que se refere às culturas e suas fronteiras geográfico-étnicas. Sendo assim, torna-se pertinente considerar todos os matizes presentes no processo relacional dos povos, nações e territórios.

¹ CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo*. Itu: Ottoni Editora, 2003, p. 16.

² CHEVITARESE & CORNELLI, p. 14.

Judaísmo

Tentaremos compreender o conceito *judaísmo* a partir da própria construção histórica do termo e o que subjaz ao seu substrato.

Conforme Shaye J. D. Cohen, citando Fredrik Barth (*Ethnic Groups and Boundaries*, 1969), “um grupo étnico existe por suas fronteiras – É o caminho em que ele se demarca e se distingue (nós) dos outros (eles)”.³ Para Cohen, a fronteira marca o grupo. Porém a fronteira social não pode existir sem a substância que leva consigo. Assim, um estudo de identidade precisa focar não apenas as fronteiras, mas também o território de seu entorno.⁴

Na mesma perspectiva étnica, Cohen se aproxima de Anthony D. Smith (*The Ethnic Revival*, 1981) para apontar os fatores que poderão determinar, teoricamente, a construção histórica do *judaísmo*.

Um grupo étnico se distingue por quatro fatores: o senso de único grupo de origem; o conhecimento de um único grupo histórico e crer ser distinto; uma ou muitas dimensões de coletividade cultural; e, finalmente, um senso de única solidariedade cultural. Nós definimos o étnico ou comunidade étnica como um grupo social cujos membros partilham um senso de origem comum, reclamam uma comum e distintiva história e destino, possuem uma ou mais características distintas e sentem um senso de solidariedade único e coletivo.⁵

Assim, continua Cohen, os judeus (*Judaeans*) da antiguidade constituíam um *ethnos*, um grupo étnico. Eles eram um grupo *nomeado, juntado* em um *território específico*, cujos membros partilham de um senso comum de origem, reclamam uma comum e distintiva história e destino, possuem uma ou mais características distintas e sentem um senso único de coletividade e solidariedade. O resumo destas características distintivas era designado pela palavra grega *Ioudaismos*.⁶

³ BARTH, Fredrik. Apud COHEN, Shaye J. D. *The beginnings of the Jewishness: boundaries, varieties, uncertainties*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1999, p. 5

⁴ COHEN, p. 6

⁵ SMITH, Anthony D. Apud COHEN, p. 6.

⁶ COHEN, p. 7.

O judaísmo monoteísta se fundamenta na fé em Deus e na obediência à Lei. A relação fé-Lei torna-se uma peculiaridade para os judeus, por causa de seu *modo de vida*. A Torá pode ser identificada com a lei da natureza e da humanidade. Os gentios politeístas eram adoradores da *criação* mais que do *Criador*. Adoravam as coisas, matérias do universo. Os judeus respondiam às calúnias concernentes às suas origens recitando a *história da criação* e seu contexto na *história do povo*; referindo-se às *Leis*⁷.

Com base na Bíblia, os judeus foram capazes de levar em frente sua cronografia como um contraposto alternativo, que era plausível para eles mesmos e para os demais. A prova da sua antiguidade (cronografia) pode ser determinada assim: “Moisés precede a *Orpheos* e à *filosofia grega*”. Moisés era a figura principal, porém *outros* serão incluídos no argumento, como *Abraão*, que nos textos apologéticos veio a ser o *inventor*. A cronologia judaica se dá em três fases: (a) fora da cronologia bíblica; (b) mistura de dados bíblicos com mitologia extrabíblica; (c) os eventos bíblicos como parte da cronologia universal da história do mundo⁸.

A relação entre *religião* e *nação* na constituição do judaísmo pós-exílico era muito visível e seu desenvolvimento muito dependeria das ações proféticas, fortalecendo assim uma identidade voltada ao nacionalismo e à plena observância dos preceitos religiosos estabelecidos.

Desde sua instalação na Palestina até o cativo, e a despeito da pressão de vizinho muitíssimo mais forte, os israelitas haviam conseguido manter uma relativa independência nacional nos limites do reino que fundaram, mais tarde cingido em dois pelo cisma. Com base nesse quadro nacional, cujos marcos geográficos eram formados pelas fronteiras da Palestina, praticavam a religião que desde o início se caracterizava pelo acentuado cunho étnico. Em virtude do pacto do Sinai, que os unira a Deus, os hebreus consideravam-se o povo eleito. Havia perfeita correspondência entre *nação* e *religião*. O esforço dos profetas visou a preservar o patrimônio religioso de Israel contra quaisquer

CONZELMANN, Hans. *Gentiles, Jews, Christians: polemics and apologetics in the Greco-Roman era*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, pp. 135-139.

⁸ CONZELMANN, pp. 145-148.

influências estrangeiras e defendê-lo de toda contaminação oriunda do substrato cananeu.⁹

Após o Exílio da Babilônia (587 a.C.), desde as “leis” e o “Templo” (centro da vida religiosa judaica), a constituição da identidade judaica foi se consolidando a partir das diversidades étnicas e socioculturais dos povos mobilizados, com forte acento em uma “nação judaica” restaurada e definida desde “o Projeto do Segundo Templo (Ex 25-40)”, porém enfatizando o caráter étnico. Sendo assim, o movimento de migração das diásporas judaicas no contexto da consolidação do “judaísmo” possibilitou um pluralismo de matizes étnicas e culturais no interior da construção do mesmo.

Para Marcel Simon e André Benoit, “no interior ou fora de sua pátria, os judeus experimentaram contatos permanentes e diretos com diferentes civilizações (egípcia, mesopotâmia, persa e, sobretudo, a grega, em seguida a romana). Mesmo com muitas precauções, entretanto, não chegaram a impedir a atuação das influências externas”.¹⁰

Em sua mobilização, o judaísmo se situará num campo mais complexo com o início da helenização, tanto na Palestina como em outros territórios onde se fará presente; contudo, sem que imaginemos que se tratara de um processo homogêneo para todo o domínio grego e, posteriormente, romano. “Edward Ullendorff diz que Conti Rossini (1895) já havia sugerido que o judaísmo professado pela guarnição militar divergia consideravelmente das formas judaicas preservadas na Etiópia”.¹¹

Entre o período de Antíoco IV Epifânio (175-164 a.C.) e a ascensão dos asmoneus houve um conglomerado de ocorrências, como a imposição de valores culturais e religiosos gregos à Palestina, bem como a todo o domínio greco-romano. A respeito da comunidade judaica da Palestina e das diásporas judaicas, fez-se necessário o consentimento parcial judaico sobre a recepção da oferta grega, não obstante a resistência e oposição radical dos macabeus,

SIMON, Marcel; BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: EDUSP, 1987, pp. 49-50.

¹⁰ SIMON & BENOIT, pp. 50-51.

¹¹ ROSSINI, Conti. Apud ULLENFORFF, Edward. *Ethiopia and the Bible*. London: Oxford University Press, 1968, p. 16.

conferindo à identidade judaica seu caráter de fluidez, de conflitos, de dinamismo entre as fronteiras étnicas e de reconhecimento de sua demarcação.

Segundo Helmut Köster, a rebelião macabaica havia começado devido à tentativa de se fazer de Jerusalém uma cidade helênica. O pensamento mesmo de um pluralismo cultural e religioso era necessariamente inadmissível a respeito de Jerusalém. Desde a perspectiva da fé judaica tradicional, a continuidade lógica da rebelião consistia no retorno de todo o país a fé no Deus de Israel. Por isso, quase todas as cidades gregas de território (população) palestino foram conquistadas pelos asmoneus¹². Porém, torna-se prematuro afirmar uma supremacia judaica desde Jerusalém pelos asmoneus, com incidência a todo o judaísmo das diásporas. Na suposição de que Jerusalém tivesse uma autoridade sobre as comunidades da diáspora, esta seria de caráter ideal e não institucional¹³.

Nota-se que ao definir o conceito *judeu, judaísmo* nos deparamos com sérias dificuldades no que concerne ao próprio substrato dos termos e de seu desenvolvimento histórico, considerando que se trata de categorias dinâmicas que estão interagindo com outras geografias, etnias e pensamentos. Desta forma, o que distingue um *judeu* de um não *judeu*? Conforme Cohen, de acordo com os elementos étnicos constitutivos que definirão o conceito *judaísmo*, isto é, sua história comum, território, senso comum de origem e destino, solidariedade, etc., quem era um judeu na antiguidade? O que era o *Jewishness* definido?

Em seu espírito e ações, os judeus erigiam uma fronteira entre eles mesmos e o resto da humanidade, isto é, os não judeus (gentios), mas a fronteira era sempre cruzável (atravessada) e nem sempre claramente marcada. Um *gentio* podia ser associado com *judeu*, observar as práticas judaicas ou podia se *converter* ao *judaísmo*. Um judeu podia se associar com judeus, ou observar as práticas judaicas, ou negar abertamente o judaísmo. *Gentios* e *judeus* tinham cruzado a fronteira, ou levantaram sérias questões sobre a fronteira e a eficácia no que se refere a *ser judeus* e *gentios*.¹⁴

KÖSTER, Helmut. *Introducción al Nuevo Testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988, pp. 277-278.

¹³ KÖSTER, p. 285.

¹⁴ COHEN, p. 13.

Cohen apresenta três significados ou sentidos ao conceito *juden* (*Ioudaios*). São significados que seguem a dinâmica da história do judaísmo no que se refere ao âmbito político, genealógico, territorial e étnico-cultural-religioso, considerando o movimento das diásporas judaicas e todo o processo que segue ao período asmoneu e que se faz presente no contexto do cristianismo primitivo.

Para Cohen, o significado original do termo hebraico *Yehudi* (grego *Ioudaios*) é um *membro da tribo de Judá*, mas seu significado depois desapareceu pelo uso comum no período helenista¹⁵. De acordo com ele, a palavra *Ioudaios* tem três significados básicos:¹⁶

(a) Um *Judaeen* (função de nascimento e geografia), isto é, um *Ioudaios*, é um membro do povo ou nação judaica (*ethnos* em grego), vivendo na pátria étnica. No plano étnico-geográfico, *Ioudaios* é paralelo a termos como egípcios, capadócijs, etc. – todos são referências étnico-geográficas. Claro, o significado étnico pode ter primazia sobre o geográfico, enquanto noutros contextos o significado geográfico pode ter primazia sobre o étnico, mas ambos estão presentes.

(b) Um *Jew* (uma função de religião ou cultura), isto é, um *Ioudaios*, é alguém que crê (supostamente), certamente com distintas opiniões, ou segue (supostamente) certas práticas distintivas; em outras palavras, é alguém que adora o Deus cujo templo está em Jerusalém e que segue o modo de vida dos *Jews*. Ao falar sobre a conversão para o judaísmo, o significado *étnico-geográfico* de *Ioudaios* torna-se inteiramente ausente e apenas o significado *religioso* fica compreendido. Um *gentio* pode vir a ser um *Jew*.

(c) Um *cidadão* ou aliado do estado judeu (uma função política de cidadania), era ou poderia ser considerado como um *Judaeen*. Etnicamente, é claro, os idumeus não eram judeus, mas por juntarem-se aos judeus eles se tornaram conhecidos como *Judaeans* e vieram a ser *Judaeans*.

Sendo assim, é possível que no conceito *judaísmo* esteja presente uma série de significações que obedecem a todo o movimento histórico de assimilação e interação entre fronteiras étnicas e

¹⁵ COHEN, p. 70.

¹⁶ COHEN, pp. 71-82.

geográficas, que dará uma configuração fluída e dinâmica à construção da identidade cristã no cristianismo primitivo.

Helenismo

No que se refere ao helenismo, abre-se um novo período na história do judaísmo, isto é, a “helenização” que antecede a Antioco IV Epifânio (175-164 a.C.). “A história helenista veio a ser uma história universal. Esse foi um esquema que penetrou no judaísmo. O estabelecimento de uma era universalmente válida. Uma universalidade aceitável, datando de eventos que transcenderão aos sistemas locais”.¹⁷

Chevitarese e Cornelli¹⁸, a partir das concepções de Werner Jaeger (1991) e L. I. Levine (1998), apresentam duas definições de helenismo: Werner Jaeger demonstra que o termo “helenismo” sofreu um processo de interpretações variadas na antiguidade. De imediato, com Teofrasto no quarto século a.C., esta palavra adquire o sentido do uso gramaticalmente correto da língua grega, o grego livre de barbarismos. Posteriormente, porém, o helenismo caracterizará a adoção das maneiras gregas, do modo de vida grego, em especial fora da Héleda, onde a cultura grega tornara-se moda. L. I. Levine define o *helenismo* como um meio cultural, largamente grego, dos períodos helenísticos, romano e uma extensão mais limitada do bizantino, enquanto que, por *helenização*, ele define o processo de adoção e adaptação desta cultura em nível local.

Consideramos que nas duas concepções estão presentes elementos como *maneiras gregas e sua expressão na linguagem*, assim como sua adaptação e assimilação em novos meios locais, onde também se situam as comunidades judaicas e outros povos judaizados. “É o caso do Egito, que desde a Alexandria desenvolveu fortemente uma literatura marcada pela cultura helenística, com Alexandre Magno (332 a.C)”.¹⁹

O processo de helenização em várias nações não foi motivo para a abdicação da língua nacional e suas representações simbólicas, mesmo que houvesse o consentimento ou aceitação do processo dentro de um consenso coletivo ou parcial, não isentando, porém, as nações onde

CONZELMANN, pp. 144-145.

¹⁸ JEAGER, Werner; LEVINE, L. I. Apud CHEVITARSE & CORNELLI, p. 7.

¹⁹ BAUR, John. *2000 anos de cristianismo na África: uma história da igreja africana*. Lisboa: Ed. Paulinas, 2002, p. 16.

tal fenômeno de fato ocorreu. Segundo Helmut Köester, “na Babilônia e Palestina, a maioria dos judeus falava o aramaico, enquanto que na diáspora do Egito, da Ásia Menor e do Ocidente se havia imposto a língua grega”²⁰. Essa realidade não nega outras conseqüências menos ou mais drásticas geradas no interior das culturas e dos povos helenizados. Como conseqüência geral da helenização, considera-se que, como processo histórico-cultural, esta afetava a todos os judeus da Palestina e da diáspora.²¹

No âmbito universalista que caracterizava o império romano desde Pompeu (65 a.C.) até Constantino (século IV d.C.), o processo de romanização que se segue às categorias de pensamento grego ampliará as já mencionadas categorias do judaísmo e helenismo. Para uma melhor compreensão dessa ampliação e, ao mesmo tempo, das influências greco-romanas na concepção judaica de mundo, recorreremos a James M. Scott, que apresenta

o quadro das nações do rei Agripa e a discrição da soberania universal do Império Romano, enquanto Flávio Josefo o coloca como sendo Agripa II, com o início da guerra (Bj 2.345-401)... Agripa inclui um impressionante quadro das nações sob o controle romano, isto é, gregos, macedônios, miríades de outras nações, incluindo as quinhentas cidades da província da Ásia e outras nações da Ásia Menor, os trácianos, gauleses, ibéricos, germanos, bretões, partos, cirenaicos, numerosas nações do continente africano e Egito (Bj 2.358-387).²²

Já não se trata somente de uma corrente de pensamentos e filosofia ao abordar o conceito *helenismo*, e sim de povos e culturas que estabelecerão relação de intercâmbios, interações, estando em contínuo movimento entre suas fronteiras étnicas, sociais e geográficas, a partir do desenvolvimento da história.

As fronteiras étnicas entre judeus e não judeus (gentios), que poderiam ser gregos ou de formação grega, eram cruzadas com freqüência, ampliando e dilatando os conceitos de

KÖESTER, p. 280.

²¹ KÖESTER, p. 283.

SCOTT, James M. Luke's geographical horizon. In: GILL, David W. J.; GEMPF, Conrad (eds.) *The Book of Acts in its first century setting: The Book of Acts in its Graeco-Roman setting*. Grand Rapids Carlisle: William B. Eerdmans Publishing Company/The Paternoster Press, 1994, pp. 493-494.

judaísmo e helenismo segundo novas situações históricas nas quais a identidade vai se construindo, a partir dos elementos étnicos, geográfico-territoriais, religiosos e político-sociais. Conforme Cohen, elementos como a admiração por alguns aspectos do judaísmo; o reconhecimento do poder do Deus dos judeus; a aproximação amigável aos judeus por alguns benefícios; algumas ou muitas práticas dos rituais judaicos; a veneração ao Deus dos judeus e a negação a todos ou demais deuses e a associação à comunidade judaica fizeram com que as fronteiras étnicas fossem cruzadas entre judeus e gentios, a fim de que gentios pudessem se tornar judeus²³.

Para Cohen, a conversão social não necessariamente significava uma forte *qualidade* entre o convertido e o nativo da comunidade. Um gentio convertido ao judaísmo não conseguiria a qualidade daquele que era nascido na comunidade, pois careceria da linhagem sanguínea, que era parte essencial da definição étnica do judaísmo.²⁴ Portanto, nem sempre tal cruzamento entre fronteiras acontecia sem conflitos e tensão. Cohen diz que em cidades como Alexandria, no primeiro século da era cristã, a relação entre a comunidade judaica e a sociedade em geral não era muito amigável²⁵.

Cristianismo

O cristianismo, procedendo do judaísmo, implantou-se e desenvolveu-se em ambientes greco-romanos, assimilando, integrando, interagindo e reinterpretando muitos elementos socioculturais e categorias de pensamentos neles encontrados, especificamente de cunho religioso, culto de mistérios, hermetismos e gnoses pagãs. Para Martin Hengel,

o cristianismo primitivo é uma religião sincrética com várias raízes. O judaísmo não foi o único berço do cristianismo primitivo, mas havia diversas outras correntes como o gnosticismo, religiões místicas gregas e orientais, magias, astrologia, politeísmo pagão, histórias de homens divinos (*theioi andres*) e seus milagres, filosofia helenista popular com a influência do culto pagão e não

²³ COHEN, pp. 140-174.

²⁴ COHEN, p. 169.

²⁵ COHEN, p. 173.

judeu, e também influência da imaginação e linguagem religiosa helenista na diáspora.²⁶

Tal processo de interação étnico-cultural entre os povos e nações na constituição do cristianismo primitivo está inserido no movimento das diásporas e das sinagogas como mediações judaicas, helênicas e de inserção cristã. “Enquanto o acesso ao Templo era rigorosamente vedado aos pagãos, o culto sinagoga estava aberto a todos. Por nele se usar normalmente a língua comum e devido também ao lugar capital que nele se reservava à instrução, esse culto prestou-se com grande eficácia à difusão do judaísmo”²⁷.

De acordo com os decretos conferidos por César aos judeus, a sinagoga ocupava um “lugar central”, ou seja, um espaço aglutinador dos costumes e das tradições judaicas. A sinagoga garante aos judeus o espaço para as assembléias, para guardar o sábado, a Torá e todas as prescrições que norteiam suas vidas individuais e coletivas; religiosas e culturais.

De acordo com E. P. Sanders, decretos foram estabelecidos em favor dos judeus na Diáspora que consistiam de vários direitos, como suas assembléias, sábados, tradições e suas contribuições monetárias²⁸. Isso tudo era fundamental para a vida judaica. Porém, no contexto greco-romano essa realidade não era passível de críticas e oposições, uma vez que “os judeus insistiam em reclamar para si um *status* especial que lhes garantisse a prática de sua religião e, ao mesmo tempo, depreciavam os deuses dessas cidades”²⁹.

É notória a presença de antigas sinagogas no contexto das diásporas e essa realidade é testemunhada por fontes literárias, bem como pela arqueologia. O prefácio da obra editada por Steven Fine apresenta um mapeamento das sinagogas na Palestina e nas diásporas. Aponta a localização das mesmas nas geografias de Egito, África e Gaza.³⁰

HENGEL, Martin; BARRETT, C. K. *Conflicts and challenges in early Christianity*. (Ed. Donald A. Hagner). Pennsylvania: Trinity Press International, 1999, p. 1-3.

²⁷ SIMON & BENOIT, p. 77.

SANDERS, E. P. Common Judaism and the synagogue in the first century”. In: FINE, Steven (ed.). *Jews, Christians, and Polytheists in the Ancient Synagogue: cultural interaction during the Greco-Roman period*. London/New York: Routledge, 1999, p. 2.

²⁹ KÖESTER, p. 288.

³⁰ FINE, Steven (ed.). *Jews, Christians, and Polytheists in the Ancient Synagogue: cultural interaction during the Greco-Roman period*. London/New York: Routledge, 1999, pp. xi-xv.

Porém, qual seria a concepção de sinagoga a partir da prática judaica da Palestina e das diásporas no contexto do cristianismo do primeiro século? Tratar-se-ia de espaços informais e comuns de encontros e assembléias, mas não de estruturas já consolidadas. Paulo, em Antioquia, participa de uma (“assembléia, reunião”) de judeus e prosélitos (At 13,43). Para Pieter W. van der Horst,

apenas depois da queda do Templo, para resistir, numa atitude de solidariedade fundamental para a preservação da identidade judaica, que *sinagoga* veio a ser um termo para a *casa* da assembléia de adoração. Nas fontes judaicas, porém, até o terceiro século d.C., a palavra *sinagoga* é usada apenas como “assembléia” ou “congregação”, em concordância com o significado original da palavra e com o uso grego, e não para um *lugar* de assembléia ou a *construção*. Para o *lugar* da assembléia, as fontes primitivas sempre usam *proseuché*, literalmente (lugar de) oração. Os lugares de reuniões eram meramente partes privadas da casa. Isto se aplica igualmente para Palestina e para a Diáspora. Nas passagens do Novo Testamento, nos Evangelhos e no livro de Atos, *sinagoga* refere-se à congregação judaica ou à reunião informal de crenças judaicas.³¹

Breves considerações

Ao abordar os conceitos judaísmo, helenismo e cristianismo, constatamos a importância da análise histórico-social para a compreensão do processo de construção das identidades, pois é no contexto de mobilidade e interação dos povos e culturas, no âmbito do judaísmo e do helenismo, no contexto greco-romano, no horizonte de suas fronteiras étnicas e geográficas, nos espaços das sinagogas ou sob as influências das mesmas que o cristianismo se desenvolverá e se configurará.

Assim, em sua diversidade o cristianismo nascente oferece componentes de ordem socio-antropológica que interagem em suas fronteiras e determinam espaços socioculturais que,

³¹ HORST, Pieter W. van der. Was the synagogue a place of Sabbath worship before 70 C.E? In: FINE, pp. 18-19.

em sua constituição, possibilitarão uma compreensão mais dinâmica e fluida da identidade das comunidades cristãs do primeiro século.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUR, John. *2000 anos de cristianismo na África: uma história da igreja africana*. Lisboa: Ed. Paulinas, 2002.

CHEVITARESE, André Leonardo; CORNELLI, Gabriele. *Judaísmo, cristianismo, helenismo: ensaios sobre interações culturais no Mediterrâneo antigo*. Itu: Ottoni Editora, 2003.

CONZELMANN, Hans. *Gentiles, Jews, Christians: polemics and apologetics in the Greco-Roman era*. Minneapolis: Fortress Press, 1992.

COHEN, Shaye J. D. *The beginnings of the Jewishness: boundaries, varieties, uncertainties*. Berkeley/ Los Angeles/ London: University of California Press, 1999.

FERREIRA, Joel Antonio. *Gálatas: a epístola da abertura de fronteiras*. São Paulo: Ed. Loyola, 2005.

FINE, Steven (ed.). *Jews, Christians and Polytheists in the ancient synagogue: cultural interaction during the Greco-Roman Period*. London and New York: Routledge, 1999.

HENGEL, Martin; BARRETT, C. K. *Conflicts and Challenges in Early Christianity* (Ed. Donald A. Hagner). Pennsylvania: Trinity Press International, 1999.

HORST, Pieter W. van der. Was the synagogue a place of Sabbath worship before 70 C.E? In: FINE, Steven (ed.). *Jews, Christians, and Polytheists in the Ancient Synagogue: cultural interaction during the Greco-Roman period*. London/New York: Routledge, 1999.

KÖESTER, Helmut. *Introducción al Nuevo testamento*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1988.

POUIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Joselyne. *Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: UNESP, 1998.

SANDERS, E. P. Common Judaism and the synagogue in the first century. In: FINE, Steven (ed.). *Jews, Christians, and Polytheists in the Ancient Synagogue: cultural interaction during the Greco-Roman period*. London and New York: Routledge, 1999.

SCOTT, James M. Luke's geographical horizon. In: GILL, David W. J.; GEMDF, Conrad (eds.). *The Book of Acts in its first century setting: the Book of Acts in its Greco-Roman Setting*. Grand Rapids/Carlisle: William B. Eerdmans Publishing Company/The Patemoster Press, 1994.

SIMON, Marcel; BENOIT, André. *Judaísmo e cristianismo antigo: de Antíoco Epifânio a Constantino*. São Paulo: EDUSP, 1987.

ULLENFORFF, Edward. *Ethiopia and the Bible*. London: Oxford University Press, 1968.